

Após 26 anos, Brasília ganha retoques finais

Os três idealizadores da capital estão de volta para concluir seu projeto futurístico

Primero, foi Lúcio Costa. No final de 1954 a pretexto de conhecer o trabalho que sua filha Maria Elisa desenvolvia sobre Brasília, o urbanista veio à cidade após 10 anos de total ausência. Cinco meses depois seria a vez de Oscar Niemeyer. Motivo alegado: discutir com o presidente José Sarney a construção de um panteão em homenagem a Tancredo Neves. Burler Marx preferiu esperar um pouco mais. Há duas semanas chegou a Brasília para participar de uma reunião do Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (CAU), onde colocou suas preocupações com a preservação ambiental da cidade.

Nenhum dos três decidiu se fixar na cidade que conceberam, projetaram e embelezaram. Mas o fato é que Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Burler Marx estão hoje incorporados novamente à vida da capital do País. Com projetos que vão da construção de superquadras entre os Plano Piloto e as cidades satélites à recuperação dos projetos iniciais dos jardins de Brasília, passando pela conclusão da Catedral e construção de um Panteão à Liberdade e Democracia, os três artistas, depois de muitos anos de ausência, até mesmo deliberada, voltaram a influir e opinar sobre os destinos da cidade.

Essa retomada seria obra do acaso? Parece que não. Seria natural que no momento em que o País passa a viver um momento novo, com um Governo civil e mais democrático, os criadores de Brasília sentissem vontade de novamente participar da vida dela. Mas a explicação não reside somente aí. Existe uma pré-disposição do governador José Aparecido de tentar corrigir alguns erros e distorções que, ao longo dos últimos 20 anos de regime militar, afetaram certos pontos do projeto inicial da cidade. Por outro lado, é evidente a necessidade de se reforçar a infra-estrutura urbana de Brasília de forma a enfrentar o crescimento quase que assustador que ela vem sofrendo. Nesse trabalho, José Aparecido já deixou claro que espera contar com a ajuda desses artistas, que vêm dando suas colaborações e opiniões ao Governo.

Numa espécie de agradecimento, e ao mesmo tempo homenagem, o governador promoveu um mutirão cultural que vai resultar no lançamento, no próximo dia 21 de abril, de um livro dedicado aos artistas que criaram a cidade. O livro, na verdade um estojo contendo quatro livros, foi financiado por 10 empresários locais e será editado pela Alumbramento, que planejou a obra e se encarregou de sua elaboração. São quatro seções destinadas a Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Burler Marx e aos escultores (Bruno Giorgi, Ceschiatti, Athon Bulcão) com textos de Ferreira Gullar, Frederico Moraes, Mário Barata e Oliveira Bastos. O livro pretende mostrar a relação entre os projetos iniciais de urbanismo, arquitetura e paisagismo e a realidade atual da cidade.



A reforma da Catedral é um exemplo de acabamento dos principais monumentos da cidade que vem sendo realizado pelos seus idealizadores após 20 anos de abandono

Niemeyer tem vários projetos para o Eixo

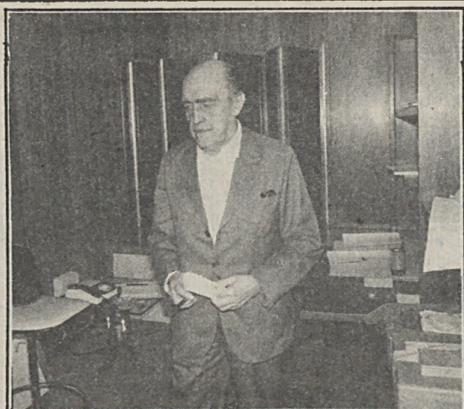
O primeiro contato, depois de muitos e muitos anos de ausência, aconteceu no dia 7 de maio do ano passado. No Palácio do Planalto, obra que criou, mas a qual não teve acesso por quase 20 anos, discutiu pela primeira vez com o presidente Sarney a construção de um panteão em homenagem a Tancredo Neves. Praticamente um ano depois, o panteão está em construção e uma série de outros projetos seus em andamento. Hoje, ninguém pode dizer que o arquiteto Oscar Niemeyer não se incorporou definitivamente à vida de Brasília.

Mesmo dedicando uma semana de trabalho por mês à cidade — o restante do tempo ele divide entre seu escritório no Rio e em São Paulo, onde começa a desenvolver um projeto para reurbanização das marginais de rios e dos bairros — Niemeyer produziu muitos projetos para o Eixo Monumental, além do panteão, o Museu do Índio, a Biblioteca Pública, o prédio do Arquivo Nacional, o Ministério da Cultura e o Centro Nacional de Cultura. Isso sem falar na reforma da Catedral e da fachada do Ministério da Justiça, de onde foram retirados os mármorees lá colocados indevidamente.

Fora da área central de Brasília também não faltaram propostas: caixas d'água, bibliotecas, pontos de ônibus e táxi, postos de saúde e de fiscalização integrada, a Casa do Cantador na Ceilândia, um mercado de flores para o cemitério, um restaurante na beira do Lago Sul, a ciclovia e reforma da Ponte Costa e Silva. Dentro da proposta de Lúcio Costa de ocupação das estradas que ligam a periferia ao centro da cidade, Niemeyer criou um projeto chamado Casas Operárias — um conjunto de apartamentos com 35 metros quadrados cada um, acrescido de igual área destinada a funcionar como uma espécie de "quintal", com tanque, varal, banheiros, etc.

Os projetos destinados às cidades satélites — bibliotecas, pontos de ônibus e táxis, caixas d'água e centros de saúde — têm um traço comum. São propostas simples, com a vantagem de serem realizadas a baixo custo. Elas são constituídas basicamente da junção de módulos pré-moldados, a exemplo das escolas criadas pelo arquiteto João Filgueiras. A Casa do Cantador, que está sendo construída na QNN 32 da Ceilândia terá basicamente dois objetivos: abrigar com seus alojamentos os cantadores que chegam à cidade e servir como palco para a apresentação desses artistas ao público da cidade.

Agora, a disposição desse arquiteto de 78 anos, carioca do bairro das Laranjeiras, é reintegrar a população de baixa renda à cidade. As fórmulas para tanto ele parece ainda não ter clareza. Mas talvez a maior convicção com a cidade, seus problemas, suas angústias, suas distorções, possa aos poucos lhe mostrar quais são os caminhos.



Quando se pensa numa capital para o futuro, se pensa numa cidade para o homem, onde as pessoas possam viver felizes e decentemente

Burle Marx recupera paisagens

O paisagista Roberto Burle Marx com seus 75 anos voltou à cidade com uma proposta básica: recuperar a paisagem do Distrito Federal a partir da utilização de plantas típicas do cerrado. Dentro desse pressuposto, ele vai orientar um trabalho de preservação ambiental, que começará pela recuperação dos jardins de Brasília acompanhando os projetos originais.

O programa, coordenado pelo engenheiro agrônomo Osvaldo Neri da Fonseca, amigo pessoal de Burle Marx, começa pela implementação dos canteiros internos e externos do Teatro Nacional, concerto e plantio de canteiros da Cidade, plantio de buritis e intensificação de palmeiras na Praça Triangular do Ministério do Exército, a adubação dos árvores e a recuperação dos jardins do espelho d'água do Palácio do Jaburu.

"Se eu tiver esta ajuda no sentido de preservar os jardins da cidade, que hoje estão relegados a segundo plano, ficarei muito satisfeito", disse Burle Marx, entusiasmado com a possibilidade de continuar orientando o paisagismo da capital do País. Na verdade, a atribuição que lhe foi concedida pelo governador José Aparecido era um velho sonho acalentado por um paisagista incomodado com as mudanças efetuadas em seus projetos nesses últimos 20 anos, as quais considerava "uma afronta para mim e para meu trabalho".

Numa visita que fez aos locais que contaram com projetos seus em junho do ano passado, quando veio a Brasília para uma exposição de suas telas, cerâmicas desenhos e litografias na galeria da cidade, Burle Marx não escondeu sua irritação. Autor do projeto do Parque da Cidade, o paisagista criticou o nome dado ao local pelo então governador Elmo Serejo Farias, assim como a "aridez"

que tomou conta do local, uma vez que árvores foram substituídas por uma piscina de ondas. Em frente ao jardim do Ministério do Exército, Burle Marx lembrou que as plantas brasileiras foram substituídas por espécies que nada têm a ver com sua proposta, tirando também a visibilidade da obra. Segundo suas informações, o único local onde o projeto inicial foi mantido foi o jardim do Itamarati. No lado destinado às plantas aquáticas, entretanto, foram colocados peixes que se alimentam dessas próprias plantas.

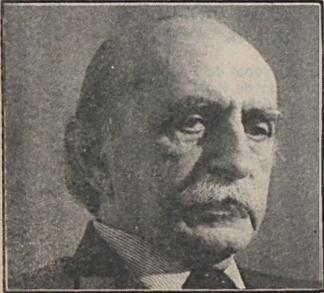
Nesse passeio, apesar de se confessar incomodado com os erros do projeto inicial, Roberto Burle Marx garantia que não tinha intenção de elaborar uma proposta para modificação. Deixava claro que só interviria se

fosse convidado oficialmente para tanto. Menos de um ano depois chegou sua oportunidade. Para quem não sabe, Roberto Burle Marx projetou os jardins e tapearias do Itamarati, jardim do Ministério da Justiça, praça do Ministério do Exército, jardim do Banco do Brasil, Parque da Cidade, jardim do Palácio do Jaburu, jardins internos e externos do Teatro Nacional e os jardins do Eixo Monumental, que não existem.

Nascido em São Paulo, em 1909, Roberto Burle Marx é filho de mãe pernambucana e pai alemão. Seu interesse pelas plantas surgiu quando tinha pouco mais de três anos de idade, quando observava um roseiral cultivado por sua mãe. Aos 16 anos, recebeu de presente revistas especializadas no assunto e plantas europeias. Em 1928 foi a Berlim, onde tomou contato com plantas raras no Jardim de Dahlem. De 30 para cá, tornou-se o mais importante paisagista do País, pintor, tapeceiro, desenhista dos calçados de Copacabana e um ecologista disposto a defender a flora e a fauna brasileira.

Apesar do gosto por jardins particulares, Burle Marx confessa que sua prioridade são os jardins públicos. Um de seus preferidos é o Parque do Flamengo, que o faz lembrar da importância dos jardins em todas as culturas e em períodos históricos especiais como os jardins de Versailles na corte de Luis XIV, no momento em que se dava a unificação da França. Ao mesmo tempo, se coloca como um crítico feroz dos governos brasileiros que não têm se preocupado com a preservação da paisagem brasileira, a Amazônia em particular.

Artista múltiplo, Burle Marx pretende continuar morando em seu sítio em Barra de Guaratiba no Rio. De lá, ele vai orientar o trabalho de recuperação de seus projetos em Brasília.



Lúcio Costa está preocupado em aproximar o Plano Piloto da população de baixa renda "para quem ele foi idealizado inicialmente"

Lúcio evita mudar projeto

— Isso tudo é blá, blá, blá. Não merece nem comentário. A resposta curta e seca do urbanista Lúcio Costa à indagação feita por um repórter em setembro passado sobre a possibilidade de modificação do gabarito dos prédios da cidade, deixa claro: aos 83 anos, o criador do Plano Piloto de Brasília não está disposto a tolerar mais mudanças no seu projeto original.

Na verdade, desde sua volta, no final de 84, Lúcio Costa já deixava entrever essa disposição, apesar de se furtar a fazer críticas à cidade "por não ter acompanhado seu processo de desenvolvimento". Nessa visita, ele procurou retomar o contato com Brasília, passeando de carro, andando a pé, frequentando diversos setores, conversando com as pessoas na rua. Aproveitou a oportunidade para colocar claramente seu apoio ao trabalho que vinha sendo desenvolvido por sua filha Maria Elisa e técnicos da Secretaria de Viacão e Obras (SVO) no sentido de se fazer um levantamento confrontando o projeto inicial de Brasília com a realidade atual, buscando detectar as alterações realizadas nestes 25 anos. O objetivo do trabalho: definir parâmetros para que a cidade não se distancie cada vez mais de seu memorial descritivo inicial.

O documento, intitulado "Brasília 57-85" só ficou pronto em março do ano passado, mas virou uma espécie de Bíblia para os urbanistas da cidade. Ao lado de um diagnóstico dos problemas urbanísticos de Brasília, são apresentadas soluções que visam fundamentalmente manter a proposta básica do Plano Piloto de Lúcio Costa. Da consolidação da Vila Planalto, só tombamento da Praça dos Três Poderes, o documento de 145 páginas analisa todos os setores do Plano Piloto.

Sua intervenção não parou aí. Preocupado em aproximar o Plano Piloto às populações de baixa renda que moram nas satélites, Lúcio Costa propôs a construção de blocos residenciais populares ao longo das estradas que ligam o centro à periferia. Na única reunião do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de que participou em toda a sua vida, em setembro passado, ele apresentou pessoalmente o projeto de construção das chamadas superquadras econômicas, desenvolvido pelo Departamento de Arquitetura da SVO.

A maior entusiasta do projeto, que começou a ser construído na Estrada Parque de Taguatinga, em frente ao Guarã, é justamente sua filha Maria

Elisa Costa. "Vamos tentar colocar num mesmo espaço gente de diferentes classes sociais e ver o que dá", afirma Maria Elisa, explicando que em cada quadra serão construídas 30 prédios com apartamentos de 30 e 60 metros quadrados sobre plotis. Nesse espaço, lembra ela, haverá lugar para desde a família de baixa renda até a de classe média.

Lúcio Costa nasceu em Toulon, na França, em 1902. Filho de um engenheiro naval baiano e mãe amazonense, passou quase toda a infância na Inglaterra, Suíça e no Sul da França. Pouco antes dos oito anos seu pai voltou ao Rio de Janeiro, mas um ano depois retornaria à Europa. Aos 15 anos, ingressou na Escola de Belas Artes e Arquitetura no Rio. Seu pai queria que ele fosse pintor. Falhou-lhe vocação.

Em 1930, Lúcio Costa voltou à Escola de Belas Artes, a convite de sua direção para fazer lá uma verdadeira reformulação. No ano seguinte organizaria um Salão de Artes que lançou novos artistas, muitos dos quais seriam consagrados mais tarde, como Cândido Portinari. Foi nessa época em que conheceu Oscar Niemeyer, com quem trabalhou no projeto do edifício do Ministério da Educação e Cultura no Rio. Nos anos 40, projetou o Parque Guinle em Laranjeiras, que deu origem à idéia da superquadra, só colocada definitivamente em prática 20 anos depois em Brasília.

Maria Elisa define-o pai como "um homem que gosta de meter e opinar sobre tudo". Ela lembra que certa vez quando estava sendo construído um prédio de 15 andares nas proximidades do Corcovado, o pai escreveu uma carta para o Jornal do Brasil e O Globo protestando. "Ele argumentava que a construção iria atrapalhar a visão do Pão de Açúcar", lembra, em meio a risos. Quando o Ministério da Aeronáutica preteriu o projeto elaborado por Oscar Niemeyer para o Aeroporto Internacional de Brasília, Lúcio Costa ficou furioso e também protestou. São muitos os casos de consultas formuladas pelos governantes de Brasília a Lúcio Costa e que foram respondidas com um veto. Uma das mais famosas se deu durante o governo Figueiredo, quando a Casa Militar da Presidência pretendia construir um Museu de Armas na Praça dos Três Poderes. O urbanista respondeu que o processo deveria ser "simplesmente arquivado", por entender que a idéia era "extravagante, para não dizer acintosa".

A saga dos candangos

JOSE APARECIDO DE OLIVEIRA

Este livro é singular. Lembra, com inspiradora sugestão, o trevo de quatro folhas aberto como as asas do Plano Piloto estendido sobre o Planalto Central. E mais que um símbolo do sonho de Brasília. Os elos, desenhando a Cruz, reescrevem o itinerário do descobrimento e o compromisso da Primeira Missa. A cidade se reencontra na reconstrução democrática do País. Virada uma página da História, este livro-documento fica como marca de tempo que não passa.

No seu 26º aniversário, Brasília vai votar pela primeira vez, porque o brasileiro voltou a ser protagonista do seu destino. Há um sentimento incontestado de fraternidade com as coisas, mais lúcido e menos conformista. Aqui se tem o orgulho de rever a saga dos pais candangos e de toda a gente que fez e faz Brasília avançar para além da planta original. Este livro é prova disso, pois se realiza com o apoio exclusivo de empresários brasilienses, candangos eternizados por Bruno Giorgi, diante do Palácio do Planalto, pioneiros, construtores e operários.

Todos presentes, em plena capacidade criadora, ajudam, depois de 21 anos de autoritarismo, a avaliar e repensar, dentro da liberdade, o Plano Piloto e as Cidades Satélites da mais bela e moderna capital do mundo. "Há que persistir e tentar acender no coração de cada homem a certeza de que a vida pode ser melhor", assinala o texto de Ferreira Gullar neste volume.

Criadores e criatura nele transparecem em palavras, imagens e cores. Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, com formas e soluções monumentais, povoaram a paisagem antecipadora do terceiro milênio.

No espaço por eles conquistado, Roberto Burle Marx revelou de outros tons o vegetal do cerrado e as obras de Bruno Giorgi, Alfredo Ceschiatti, Athon Bulcão e Marianne Peretti, como na Renascença, completa o testemunho de um extraordinário momento da inteligência.

Antes da escultura, Juscelino Kubitschek já havia incorporado às nossas realidades a antevisão dos profetas de que fazem parte os Inconfidentes de Minas, o Patriarca José Bonifácio, Dom Bosco, os Constituintes de 1889, o velho Afonso Arinos e Epitácio Pessoa. A jovem cidade de Israel Pinheiro, com um quarto de século, confirma a previsão de que seria a sede de nova proposta nacional que está hoje firmada pela coragem democrática, pelas mudanças institucionais e os programas de reformas econômicas e sociais do presidente José Sarney. Agora o Panteão à Liberdade e da Democracia, em homenagem ao presidente Tancredo Neves, na praça dos Três Poderes, centro de convergência e irradiação da modernidade brasileira, consagra a Nova República.

Ao retomar prestígio internacional, Brasília vai ser cenário da reunião do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, a primeira dos trópicos, para debate decisivo sobre o tombamento de bens contemporâneos.

Neste século, como referência da mais íntegra adequação ao homem da arquitetura e do urbanismo — ela é síntese da permanência do futuro, sempre aberta ao novo, já anunciada por André Malraux como a "Capital da Esperança". A universalidade do espírito mudancista, movimento integrador de uma geografia continental, manteve, ao longo da História do Brasil, uma coerente consciência da origem e destinação de Brasília — luta de um povo pela terra sonhada, prometida e, por fim, alcançada. N. da R. — Estas palavras foram escritas como apresentação de "um livro singular". Singular até mesmo pelo fato de ser a primeira publicação sobre Brasília, feita no Brasil, de nível internacional, inclusive pela concepção, ilustrações e acabamento gráfico. Vai ser lançado no próximo mês, sob o patrocínio de empresários brasilienses que financiaram totalmente a edição, contribuindo assim para as comemorações do 26º aniversário de inauguração da Cidade.



O livro mostra a saga dos que fizeram e fazem Brasília